

Leovigildo Mascarenhas



“O Forro tinha a premissa: Eu não estou para me sujeitar ao colono”

Leovigildo Mascarenhas nasceu na Freguesia de Conceição, na cidade de São Tomé. Estudou no Liceu D. João II (actual Escola Patrice Lumumba), tendo cumprido o Serviço Militar Obrigatório na era colonial na antiga companhia Caçador 7, em 1952. Em 1979, fez curso em Transporte em Havana (Cuba). Em 2005 fez curso Civil Militar na Florida (Estados Unidos de América). É um artista autodidacta. Ganhou o gosto pelo desenho, ainda no Liceu Dom João II, através de dois professores: Anita Estibeiro e Ferreira da Silva. A partir daí não parou de desenhar, apesar de preferir no papel, foi pressionado pelos amigos a passar para as telas. É também músico e percussionista, tendo ingressado em 1975 no Unteus II. Começou por tocar reco-reco e também era corista. Mais tarde, passou a ser o baterista. Actualmente é compositor e baterista no conjunto Musical Amigos da Cultura.

P: Bom dia. Estou à conversa com o Sr. Leovigildo Mascarenhas, um homem muito interessado pela cultura de São Tomé e Príncipe, homem da música, da dança. Não sei se é compositor, ou se é só interprete...

LM: Sou também compositor.

P: Então senhor, Mascarenhas, diga-me quando é que o senhor se encontrou com a música.

LM: Encontrei-me com a música desde o tempo do Grupo Victória, de Armando Cunha, Paulo Cravid, Sérgio Fonseca, entre outros. O Grupo Victória tinha elementos de Andorinha, de Água Lama e até de Água Arroz e, em cada dia, ensaiava numa casa dos que faziam parte do grupo. Como vivi em Água Arroz (um dos locais onde ensaiavam), foi aí que comecei a tomar contacto com música, indo para os ensaios, desde garoto. Quando houvesse alguém que não tivesse chegado cedo ao ensaio e, no caso de ser algum instrumento de percussão, eu tomava parte. Tanto é que quando começou o *boom* de percussão feita com barril¹ para marcar o compasso da música, eu já tinha aprendido a tocar isso muito bem. Naquela altura já o Trindadense o utilizava e o Vitória não queria fugir à regra.

P: Isso foi em que ano mais ou menos?

LM: Foi entre 1960- 61! Eu era muito miúdo ainda e fazia tudo isso às escondidas, para o meu pai não saber. Quando o meu pai chegasse à casa, depois de jantar, ele subia para o quarto para ouvir o noticiário de “Angola Combatente”. Nós ficávamos em baixo e eu fugia logo, para ir para o ensaio do grupo Victória, ouvir a música e aprender lá algumas coisas.

P: Quer dizer que em sua casa, já conversavam sobre o regime colonial? O seu pai já ouvia a “Angola Combatente” que nos passava mensagens?

LM: Já, já. Passava as mensagens... Quando eu ia às compras com o meu pai, encontrávamos com o Sr. Txinaná, Sr. Cristino professor, essa gente toda ia às compras, de manhã, com os seus filhotes. Faziam compras, punham-nas na cabeça dos filhos que as levavam para casa. E, numa dessas andanças, ainda me lembro da conversa do meu pai com o Sr. Txinaná. Este tirava um pedaço de cola do bolso, metia-a na boca, mastigava-a e depois dizia: “*Inen móço é ontem, kobô d´aúa flá muntu ô, nançê na tendé fõ*”? “*Inó, ôzé ami na tendé fa punda um tava stlûvisso, sonó taca mú u´na liga quáçê, umi na tinha pilha fã*” Então, quem ouvisse dizia: “*Iném flá achem, achem, achem...*” “*Quá sá pligto muntu ô, ine mançê Colomba sá tlapaiado passá. Inem cunda inem bá uã aldeia, uã sanzala, quema ké di in zentxi punda iné scá condé inem mancê cus cá luta d´angola, magi nada chi, inen na bê nada chi.*” “*Quá muntu inem mata n´gué muntoô*”².

¹ Barril - Tonel de madeira usado para o transporte ou conservação de alimentos, especialmente líquidos: vinho, petróleo...

² Olha rapazes, ontem Angola combatente deu-nos muitas e importantes informações. Vocês ouviram? Os que não ouviram justificavam dizendo que estavam a trabalhar, ou porque o radio não tinha pilha ou ainda porque

P: Isso quer dizer que já se tinha familiarizado com os problemas?

LM: Sim, com todos os problemas.

P: Agora entrando no ramo da música. É compositor e interprete. Lembra-se da necessidade que, a dado momento, tinha de compor música contra o regime e de passar a mensagem à população?

LM: Sim, Por exemplo, o primeiro conjunto onde ingressei foi um conjunto militar, foi na tropa. Já em 1971, nesse conjunto, nós não podíamos salientar muito, ou falar muito de política, como devia ser. Não conseguimos fazê-lo. Nós tocávamos algumas músicas de Angola e de alguns conjuntos.

Nesse conjunto éramos eu, Stoque, Neca, Alípio, Alberto Miguel, Felício Mendes, um grupo de rapazes jovens. Mas nunca cantávamos algo contra ou a favor do regime colonial, porque para nós não fazia sentido.

P: Eram os Quicos Verdes, ou não?

LM: Não. Nós éramos os Dólmán. Os Quicos Verdes eram muito mais antigos. Nós tocávamos nos Dólmán. Dólmán é um casaco justo e curto usado pelos oficiais do exército, que deu o nome ao conjunto.

P: Tem conhecimento de músicas, versos que tinham um papel de rejeição ao regime?

LM: A primeira música que ouvi contra o regime colonial foi a que dizia: "*Cela nancê ceta nda, nançê na quêcê cuma colomba na ça migo nóm fá ê...*" (Tenham cuidado com as vossas atitudes, não se esqueçam que os bancos não são nossos amigos).

P: Era de que conjunto? Quem a compôs?

LM: Não sei. Só sei que as senhoras cantavam isso quando iam lavar roupa ao rio. Quando levava a minha mãe ao rio, ouvia as senhoras a cantarem essa música. Mas desconfio que deve ser de alguns desses conjuntos, Almense, Leonense de Guadalupe. O Mé da Glória era um indivíduo de Lobata. Ele e o Fanho pertencia a esse grupo. Eu penso que é um conjunto de Guadalupe chamado Leonense. Havia um Leonense na época passada e depois outro Leonense, de Pedro Diogo que é mais recente.

P: Essa letra do Mé da Góia, o que os motivou? Houve alguma ocorrência pontual?

LM: Eu penso que sim. É a minha análise agora, pois antes eu não tinha qualquer noção de que aquilo era política e que seria em relação aos colonos, mas tudo me leva a crer que era contra a estrutura colonial. Havia muitos nativos que por beneficiarem

adormeceu. Os que tinham ouvido o noticiário informavam: Minha gente muita coisa está a acontecer! Isto está muito perigoso! Os brancos estão muito atrapalhados. Foram a uma aldeia, queimaram as casas todas, mataram muitas pessoas alegando que estavam a esconder os combatentes, mas tudo mentira. Muita coisa está a acontecer!

de um pequeno privilégio defendiam mais os colonos do que os seus próprios conterrâneos. Julgo que era uma chamada de atenção: “Tenham cuidado com as vossas atitudes, lembrem-se muito bem que os brancos não são nossos amigos”.

P: Mais outras músicas?

LM: O conjunto Mindelo na música da “Gaça ku Macaco”(A garça e o Macaco) dizia: “ Gaça vôlo macaco flá é sa fê, só macaco li da quebla...” (A garça descompôs o macaco dizendo que era feio. E o que fez o macaco? Riu às gargalhadas...). Depois os rapazes de Ponte Graça do *bulauê*, Zêquentxi (nome de uma versão do socopé), modificaram essa música e começaram a tocá-la. Mas a primeira pessoa que a interpretou foi o conjunto Musical Mindelo.

P: Essa da Garça, do Mindelo, sabe qual era a motivação?

LM: A motivação era sempre idêntica, porque às vezes aconteciam coisas na terra que espicaçavam mais as pessoas a compor as músicas. As letras é que eram diferentes. Por exemplo, “*Ôssobô ê, bó colé cu munké ni ké mata ine mina dé toma ké quá bó, clupa na sa di bô fá punda deçú só da bô pena quencê de kani...*”³

Continuamos a ser culpados até hoje, porque depois dessa confusão o que aconteceu com o líder Muammar Gaddafi, nenhum africano saiu em sua defesa. Eu lembro-me de não ter ouvido nenhum pronunciamento em relação a isso. Na altura interiorizei isso com um mal-estar. Penso que nós devíamos ter manifestado esse mal-estar, porque como é que Gaddafi dá tanto dinheiro para Sarkozy fazer a campanha e eles talvez com medo de pagar a dívida, se revoltam contra o homem?

P: Ele foi julgado...

LM: Esse julgamento não deu em nada, não lhe tiraram a vida. Ele tirou outra vida, isso é que me incomoda. Se bem que nós dizemos que quem mata não deve ser morta, porque a justiça não é feita assim. Mas a justiça também não pode ser feita de uma maneira que a família não fique recompensada. A família de Gaddafi não ficou recompensada.

Agora estamos a ver a emigração de toda forma e feitio, desde que esse homem morreu. Isso quer dizer que não estabilizaram isso.

O Saddam Hussein tinha os curdos muito bem dominados, sem confusão, mas hoje estamos a ver o que está lá, completamente desestabilizado. Sobretudo os EUA que proclamam a democracia, mas não têm nada de democracia, só sabem impor o regime deles. África deve ter o seu próprio regime, não é obrigatório todos termos o mesmo nível e modelo de democracia.

³ Ossobô (um pássaro nosso). Ó Ossobô tu Tu expulsaste o munken do seu ninho, mataste os seus filhos e apoderaste-te do ninho. Mas a culpa não é tua, porque Deus só te deu penas, mas esqueceu-se de te dar carne...

P: As Democracias como eles as entendem...

LM: O homem do Ruanda tem lá um regime, em que o país está a andar em linha recta, sem sujidades, toda a gente sabe o que deve fazer. Se África quiser dar um passo razoável tem que mudar o seu estatuto.

P: Diz-se que o Botswana está muito bem. Existe um conjunto de países africanos que está a dar exemplos. Não podemos acompanhar tudo o que o ocidente diz. Vamos voltar para a nossa música. De que outra música se recorda?

LM: É muito difícil recordar músicas antigas. Eu devia procurar um pouco mais sobre isso.

P: E o Socopé.

LM: Lembro-me do baile de Socopé de Coimbra de Riboque, tinha a música contra o colono. O Socopé Coimbra tinha como vocalista o Senhor Conselho que era um homem muito inteligente.

P: Essa gente toda já morreu?

LM: Sim, todos eles.

P: Se quisermos entrevistar alguém do Coimbra com quem é que se pode falar?

LM: Não há mais ninguém.

P: Qual era a música de que falou, porque dizia-se que o Coimbra era patrocinado pelo Estado Português.

LM: O Socopé Coimbra era muito inteligente, tinha como lema “seja bem-vinda toda a ajuda, mas nunca nos tiram o que queremos exprimir”. Quando eles começavam: “*Vede, vede ê pena ê vede, vede uns ca mole mu ê.*” Depois eles iam buscar: «*legelá sê ku nón sa nê, sá leguela plessado, nguê na tom cuidado fá kabi molê ni pó floca*”... Há uma música que diz: “*Ola a cada poblí quá passá sela pa poblí ceta ku vida dê poplí, punda ê ka pô molê um pó floca*”⁴. Era uma música com piada, sobre a própria ajuda que os colonos davam e através da qual eles mandavam uma mensagem.

Eu vivi no Riboque, sou casado com uma mulher de Riboque. Vivia a 15 metros de distância do grande vocalista chamado Senhor *Mister* que vivia com a Senhora Divina, de Bombom. O meu pai era enfermeiro em Bombom e a senhora conhecia-me. Lembro-me um dia em que o senhor Lama estava chateado porque arranjou uma carrada de brita e, coitado do homem já estava muito cansado de estar a carregá-la com uma lata. Eu que trazia um carrinho de mão, tirei a minha camisa – era um domingo – e ajudei-o a tirar a brita. Então, a mulher olhou para mim e disse: “*Anji k’um*

⁴ Toda a alegria que se esta a vivenciar, ela é emprestada, Se não tomarmos cuidado havemos de morrer enforcados. Quando se proíbe demais uma coisa, tem de ser com alguma cautela porque senão poderemos morrer enforcados.

conçê bô nê? (De onde é que eu te conheço)". Eu respondi: "Sou filho do Mascarenhas, enfermeiro." "*Ché, um sebê mê, shi ê ka sá iné moçu sé Liboquê, móm lezi iné*" (Ah, já estava a imaginar... se fosse um desses rapazes aqui de Riboque, nunca iriam ter esse gesto"!

P: Mas também tínhamos dança e teatro...

LM: Tínhamos teatro em quase toda a zona de São Tomé. Por exemplo, Almeirim tinha um Teatro e o dia de apresentação era ao fim de semana. Começava à sexta-feira à noite e acabava ao sábado à meia-noite. O Valé, que apresentava carnaval, pertenceu primeiro ao teatro de Almeirim. Nós saíamos de Água Arroz e de Água Lama para irmos assistir ao teatro. Quem não chegasse cedo corria o risco de não encontrar lugar. Era muita gente a ver o teatro.

P: Eles também passavam mensagens através das cenas, da música...

LM: Sim- Eu lembro-me que o primeiro teatro que eu vi em Almeirim baseava-se numa peça em que o forro (natural se São Tomé) estava a tocar o seu d'jambi e então, o colono mandou a polícia ir lá repelir as pessoas. Enquanto eles tocavam, a polícia chegou e disse: "Que barulho é esse? Não pode ser assim!" O homem estava montado (encarnava uma entidade) meteu a mão na cabeça do polícia e disse: "*Papá isso aqui é d'jambi ê, n'guê cu nom tem dessu non vem aqui não é. Toque!* (papa, isto é, djambi, quem não tem Deus não vem cá)" Quando a música começou o polícia também montou (encarnou um espírito). Era uma peça contra o colono.

Houve outra que retratava a negação do forro em ser contratado e não querer trabalhar para o branco. Preferia estar na sua roça, chegar à noite comer banana com carne de porco, ou peixe salgado. De manhã preferia comer uma *tada* de jaca (uma fruta) e beber água do que ir trabalhar na roça dos brancos. Também havia os que gostavam de acompanhar a mulher ao rio lavar a roupa da família. Enquanto a mulher está a esfregar a roupa, a espremer e a pô-la ao sol, ele, o companheiro, ficava sentado em cima da pedra a tocar flauta. O Forro baseava-se na premissa "Eu não estou para me sujeitar ao colono".

P.: Houve alguma peça nesse sentido?

LM: Houve sim. Como sou de Santo Amaro, entre nós havia mensagens que um mandava para outro: "*Bô bê fulano naiô, cacau cuê cá futa notchi!*" (viste aqui tal fulano, ele rouba muito cacau à noite)! Ele roubava cacau e ia vender ao próprio branco. Tinha uma boa vida, usava bom sapato, nas festas gastava dinheiro. Toda a gente dizia: "Fulano não trabalha, mas onde é que ele ganha dinheiro?". No fundo era um ladrão. Ladrão de sorte. Quando à noite os guardas davam tiros não os apanhava e, as pessoas que ficavam dentro de casa gritavam: "*Na sata aua fõ*" (não atravessem o rio). Essa era a realidade na minha zona de Santo Amaro, na Roça Laranjeira e Diogo Nunes. Os colonos tiveram muitos problemas com o roubo de cacau. Eu penso que continua até hoje. Ninguém quer trabalhar, fazer aquilo que é normal, nada disso.

Essas peças eram apresentadas nos teatros, porque como somos da ilha, penso que uns ficavam chateados com o bem-estar dos outros. Essas peças serviam para dizer que aqui na zona sabemos quem é quem. Servia para dizer: “Você está sendo roubado, tem guardas, mas os ladrões estão aí, roubam e ainda vendem para você.” No fundo o colono não era tão inteligente.

P: E danças nossas? Havia danças nossas que desapareceram?

LM: Umas das nossas danças que está a desaparecer é *Plo Mom Dessu*, (pela mão de Deus) está mesmo acabando.

P: Quando é que *Plo Mom Dessu* vem ao público?

LM: É representado sobretudo na época religiosa da semana santa. Na morte de Cristo, o *Plo Mom Dessu* sai, porque também é um caso religioso. Baseia-se na formação religiosa que nós temos em algumas indicações bíblicas. Fazem isso para nós sabermos que Deus fez muitas coisas por nós. É como tudo na vida.

P: Mas eles cantam?

LM: Sim. Eles cantam também.

P: Qual a mensagem que a canção transmite, o que dizem?

LM: Primeiro os pagãos, as pessoas que não acreditam em Cristo, havia uma mistura que eles faziam que eu não entendia bem. Por exemplo, eles fazem uma barraca com bonecos - fantoches, que vão dizendo as metáforas.

P: Eu li um livro de C. Bené do Espírito Santo em que se chegou a proibir o *Plo Mom Dessu*.

LM: Foi devido à mensagem que eles passavam. O *Plo Mom Dessu* mistura os males da zona. Critica o indivíduo que tem duas mulheres, mas não as sustenta, mas tem também expressões obscenas. Mas também invertiam e criticavam aos colonos.

P: O *Kiná* é também outra dança de resistência?

LM: Sim, o *Kiná* era de resistência. Era um toque que os pescadores de Angolares tinham e tocavam só em cima das canoas, o *quipá* e dançam à volta da canoa entoando canções contra os colonos.

Por exemplo quando eles preparavam para ir para a *mionga (ao mar)*, alguém mais velho vinha e dizia: “É melhor vocês não irem, porque o mar não está bom.” Tudo em língua Angolar. Enquanto eles ficavam esse tempo à espera da melhoria no mar, ficavam na batucada. Uns assam fruta, tiram coco. Por isso se diz que fruta-pão com coco é comida de angolar. Antigamente os angolares apanhavam peixe, mas preferiam comer fruta com coco. Eles têm um *calulú* próprio, totalmente diferente do *calulú* do forro. Na música temos rumba. Por exemplo, a rumba cubana é uma rumba

originada da escravatura. Os jamaicanos também têm um tipo de rumba. Os escravos é que levaram isso provenientes da zona do Congo, Angola. Mesmo o *jazz* é de origem Africana

P: Muito obrigada Leovigildo Mascarenhas por nos ter acordado esta entrevista.

Ano de 2023
Entrevistadores: Natália Umbelina
Edição: Paula Ferreira

